

**A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E O MOVIMENTO ESCOTEIRO: UM ESTUDO SOBRE
O GRUPO ESCOTEIRO PADRE ANCHIETA, ITUIUTABA, MG, BRASIL**
**NON FORMAL EDUCATION AND SCOUT MOVEMENT: A STUDY ON THE SCOUT
GROUP PADRE ANCHIETA, ITUIUTABA, MG, BRAZIL**

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior¹

Daniela Cristina Borges²

Resumo: Este texto tem como temática o movimento escoteiro e a educação não formal: um estudo sobre o Grupo Escoteiro Padre Anchieta, Ituiutaba, MG, Brasil. O objetivo geral consiste em compreender como o ME pode contribuir na formação de crianças e jovens. A pesquisa teve como referencial metodológico a abordagem qualitativa, por favorecer uma visão ampla do objeto estudado e o envolvimento do pesquisador com a realidade social, política, econômica e cultural. A investigação recorreu a variados instrumentos: pesquisa sobre o “Estado da Arte” da temática; pesquisa bibliográfica; história oral temática; análise de imagens e documentos. Concluiu-se, por um lado, que o ME ainda mantém características militares, cívicas, por outro lado, é uma modalidade da educação não formal que pode contribuir na formação dos jovens.

Palavras-chave: Movimento Escoteiro; Educação não formal; GEPA.

Abstract: This paper has as its theme the Scout movement and non-formal education: a study of the Group Scout Padre Ancheta, Ituiutaba, MG, Brazil. The overall objective is to understand how the SM can contribute to the education of children and youth. The research had as its methodological a qualitative approach, by encouraging a broad view of the subject studied and the involvement of the researcher with the social, political, economic and cultural. The research has used various instruments: research on the "State of the Art" of the theme; literature, oral history, analysis of images and documents. It was concluded, on the one hand, the SM still maintains military characteristics, civic, on the other hand, is a form of non-formal education can contribute to the education of young people.

Keywords: Scout Movement; non formal education; GEPA

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGED; Professor do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP/UFU; silvajunior_af@yahoo.com.br

² Graduada em História pela Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia – FACIP/UFU; dancrys@hotmail.com.br

Introdução

A educação, no sentido amplo da palavra, está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana. Como afirma Arendt (1972), os pais, ao introduzirem seus filhos no mundo, assumem, ao mesmo tempo, uma dupla responsabilidade educativa: pela vida, pelo desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Educação é formar, socializar o homem para não se destruir, destruindo o mundo. Isso pressupõe considerar a educação além dos muros escolares. Instiga-nos a pensar em outros espaços/lugares que possam contribuir na educação e na formação de crianças e jovens. Nos limites deste texto, buscamos aprofundar sobre o Movimento Escoteiro – ME.

No processo de investigação, algumas questões tornaram-se recorrentes: o que dizem os estudos acadêmicos sobre o ME no Brasil? Quando se iniciou este movimento? Como ele chegou ao Brasil? Esse movimento pode ser considerado como uma educação não formal? Quando o ME iniciou seus trabalhos na cidade de Ituiutaba? Como funciona? Como o ME pode contribuir na formação dos jovens?

Dessa forma, neste texto temos como objetivo compreender como o ME pode contribuir na formação de crianças e jovens. De forma específica, procuramos: 1) mapear a produção acadêmica sobre o ME; 2) discorrer e refletir sobre o início do ME no mundo e no Brasil; 3) relacionar a educação não formal com o método e o princípio do ME; 4) descrever o ME da cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.

Organizamos o texto dividindo-o em seis partes. Na primeira, apresentamos a perspectiva metodológica; na segunda, registramos o que dizem as produções acadêmicas sobre a temática “Movimento Escoteiro”; na terceira, refletimos sobre o início do escotismo e sua chegada ao Brasil; na quarta, detemo-nos no Grupo Escoteiro Padre Anchieta; na quinta, analisamos as vozes dos colaboradores procurando relacionar o ME com a educação não formal; por fim, tecemos nossas considerações.

A perspectiva metodológica

A pesquisa teve como referencial metodológico a abordagem qualitativa, por favorecer uma visão ampla do objeto estudado e o envolvimento do pesquisador com a realidade social, política, econômica e cultural. Como nos ensina Guertz (1978), a abordagem qualitativa não se resume aos

aspectos superficiais e limitados, pois permite considerar e respeitar a subjetividade dos sujeitos da pesquisa.

Em nossa investigação, recorremos a variados instrumentos que nos ajudaram a compreender as possíveis contribuições do ME na formação dos jovens. Inicialmente, empreendemos uma pesquisa sobre o “Estado da Arte” da temática. Lembramos que investigações que utilizam essa metodologia, segundo Ferreira (2002), auxiliam-nos a mapear e discutir uma determinada produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, realizando uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica.

Fizemos um levantamento da produção acadêmica realizado no banco de dissertações da Capes (site www.capes.gov.br), que tinha como temática o “Movimento Escoteiro”. Delimitamos como espaço temporal as produções realizadas a partir dos anos 2000. Buscamos, ainda, identificar as produções que estavam disponíveis no site da União dos Escoteiros do Brasil – UEB.

Além da pesquisa bibliográfica, analisamos também documentos referentes ao ME no Brasil. Tivemos acesso aos relatórios nacionais anuais da UEB dos anos de 1987, apostilas, manuais, folhetins e livros, tanto os de autoria de B-P, quanto as publicações mais recentes. Referente à documentação do Grupo Escoteiro Padre Anchieta 42º/MG – GEPA, foram utilizados os documentos disponibilizados pelo grupo, tais como: certificados de registros anuais; listagem de membros registrados pelo grupo. Enfim, recorremos a História Oral Temática, com o intuito de ouvir o que dizem diferentes participantes do ME de Ituiutaba sobre a relação entre o ME e a formação dos jovens estudantes. Segundo Benjamin (1993), as narrativas permitem trazer a experiência de volta à história. Para o autor, o narrador é o homem que sabe dar conselhos. A narrativa conserva as forças ao longo do tempo.

Servimo-nos dos procedimentos da história oral temática na elaboração e na realização das entrevistas com diferentes membros do ME de Ituiutaba, MG, Brasil. Inicialmente, procuramos conhecer alguns aspectos da vida pessoal do colaborador, sua experiência no ME e o que pensa sobre como a participação dos jovens no ME pode contribuir na relação com a família, escola e sociedade. As entrevistas foram gravadas, transcritas e textualizadas, finalmente, retornamos ao texto das narrativas aos colaboradores para conseguirmos a autorização para as publicar na íntegra ou parcialmente.

O que dizem as produções acadêmicas

Referente às produções acadêmicas, foram realizadas duas formas de busca, a primeira, no banco de dissertações da Capes, que tinha como temática o “Movimento Escoteiro”. Delimitamos como espaço temporal as produções realizadas a partir dos anos 2000. Na segunda, identificamos as produções que estavam disponíveis no site da UEB: trabalhos de conclusão, dissertações, artigos, entre outros.

A pesquisa, sobre as produções acadêmicas, efetuada no site da Capes, chegou ao resultado de seis dissertações de mestrado em nível acadêmico, duas dissertações de mestrado em nível profissionalizante e uma tese de doutorado. Por meio do site da UEB, obtivemos treze diferentes trabalhos. Quanto aos trabalhos identificados no site da UEB, o resultado alcançado foi: uma dissertação, uma monografia acadêmica, uma monografia de pós-graduação, cinco trabalhos de conclusão de curso e cinco artigos.

A análise dos trabalhos destacados permite-nos afirmar que as pesquisas de mestrado e doutorado, encontradas no site da Capes, abordam visões críticas do ME, destacamos como exemplo os autores Souza (2010), que trata do pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea; e Santos (2010), que traz uma revisão histórica, na qual apresenta o contexto social e político em que surge o escotismo analisando a influência das grandes guerras mundiais na produção da sua filosofia. Já as que estão disponíveis no site da UEB limitam-se a assinalar apenas os pontos positivos referentes ao ME. No entanto, de uma forma geral, os trabalhos acadêmicos sobre a temática, “movimento escoteiro”, são, na maioria, favoráveis ao movimento.

O início do escotismo e a chegada ao Brasil

Para compreendermos a origem do ME, é importante recorrer à biografia de Baden-Powell – B-P. De acordo com Boulanger (2011), Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu no dia 22 de Fevereiro de 1857, em Londres. Sendo o quinto dos sete irmãos – somente é contado como quinto filho, se não forem levadas em conta outras três crianças que não sobreviveram aos três primeiros anos de idade. O pequeno B-P era filho do reverendo e professor Baden Powell e de Henrietta Grace Powell. É descrito, romanticamente, pelos guias escoteiros como uma criança magra, nervosa, rosto miúdo, inteligente e esperto.

Segundo Boulanger (2011), o pai de B-P morreu quando ele tinha ainda 3 anos, ficando a sua mãe com sete filhos para criar e muitas dificuldades para tal. De acordo com o autor, a educação compulsória na Inglaterra, na época em que B-P nasceu não existia, as escolas eram pagas e, dessa forma, somente acessíveis aos filhos das famílias abastadas. No entanto a mãe de B-P teve como meta educar os filhos, dar-lhes uma boa expectativa de vida. Meta essa alcançada com sucesso, superando toda a dificuldade da falta de recursos financeiros.

Baden-Powell relata sobre sua mãe como a grande influência de sua vida. Segundo ele,

O segredo de meu sucesso na vida sempre foi a influência de minha mãe. A maneira pela qual aquela extraordinária mulher conseguiu educar-nos, sem que nenhum de nós tenha sido um fracasso; e a maneira pela qual não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem escapa à minha compreensão. Não somente, apesar de ser viúva e pobre, conseguiu alimentar-nos, vestir-nos e educar-nos, [...] Foi sua influência que me guiou pela vida afora muito mais do que quaisquer preceitos ou qualquer disciplina aprendida na escola. (BADEN-POWELL, 1985, p. 10).

Mesmo passando por dificuldades econômicas, Robert Baden-Powell teve uma infância incrível. Segundo Oliveira (2011), participava de várias atividades, como acampamentos, excursões, jornadas, entre outros, sempre junto com seus irmãos. Ao completar treze anos, deixou a sua casa para se tornar aluno interno da famosa escola Charterhouse.

Nessa escola, o desempenho de B-P é descrito por Boulanger (2011) como “longe de impressionante”, porém se destacava nos esportes, o que era valorizado pela escola. De forma sintética, não era brilhante nas disciplinas convencionais, mas compensava esse déficit com seus talentos artísticos e sua propensão às atividades ao ar livre. B-P é descrito como ambidestro e com aptidão aos desenhos.

Ao fim da educação secundária, apresentou-se em Oxford, para dar continuidade aos estudos. Porém não foi aceito na universidade, recusa esta que o fez tentar a carreira militar. Prestou exames para escola de treinamento de oficiais do exército. Aprovado com sucesso no concurso, Baden-Powell ingressou como subtenente do 13º Regimento de Cavalaria dos Hussardos em Lucknow, na Índia, em 1876 (BOULANGER, 2011, p. 41).

O ingresso de Baden-Powell na carreira militar é considerado, entre os seus adoradores, como o marco do início de seu renome como herói de guerra do exército inglês e,

consequentemente, a razão para sua popularidade entre os britânicos. A carreira militar de B-P, além de bem sucedida, abriu caminho para a concretização do movimento escoteiro, pois foi durante sua vida militar que ele criou boa parte da mística usada no ME.

Sua experiência no exército e a preocupação recorrente com a formação da juventude inglesa instigou Baden-Powell a elaborar um “plano para formação de rapazes, que seguia de perto o programa dos exploradores militares” (BADEN-POWELL, 1986, p. 51).

De acordo com Raposo (2008), B-P se apoderou dos ensinamentos adquiridos ao longo de sua carreira militar, apropriou-se de determinadas ideias para edificar sua “fabrica de caráter”: ambiente natural, senso de dever, disciplina, responsabilidade, engenhosidade manual, iniciativa, religiosidade, equidade, prestatividade e servir ao país. Estes eram objetivos e procedimentos utilizados pelo escotismo, para garantir que a juventude britânica tivesse uma saudável passagem do estado selvagem para a civilização.

Eram vários os objetivos desse movimento criado por B-P, mas, basicamente, pretendia formar uma juventude desenvolvida, física e moralmente, que, com suas virtudes, pudesse contribuir para o desenvolvimento da nação inglesa. B-P, ao se referir à finalidade do movimento, assegura que era importante:

(...) procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa escoteiro (BADEN-POWELL, 1985, p. 53).

O Movimento criado por B-P fez severas críticas à educação escolar inglesa. Para Raposo (2008), B-P considerava a escola inglesa conservadora nos seus métodos e preocupada sobremaneira com os conteúdos clássicos. O Escotismo, portanto, apresentava-se como uma pedagogia não escolar ou, pelo menos, em combate ao modelo educativo vigente na época.

Segundo Silva (2011), o Escotismo chega ao Brasil, em 1910. A ideia de fundar um Centro de Boys Scouts do Brasil veio de uma reunião de suboficiais da Marinha, que vieram nos encouraçados Minas Gerais e Bahia. Em 10 de outubro de 1910, foi fundado o grupo Escoteiro George Black, em Porto Alegre, o mais antigo do país.

A partir desta data, iniciou-se a instalação do Movimento Escoteiro no Brasil. Em 29/11/1914, foi fundada a Associação Brasileira de Escoteiros. Em setembro de 1920, foi criada a

Associação de Escoteiros Católicos do Brasil, a primeira associação escoteira brasileira a ser vinculada ao Escritório mundial de Escoteiros. Em 1922, surgia a Confederação Brasileira de Escoteiros e a Comissão Central de Escotismo. Finalmente, em 04 de novembro de 1924, essas confederações e associações se juntaram e fundaram a UEB. Em 23 de julho de 1928, foi assinado o Decreto nº 5497, reconhecendo a UEB como entidade máxima do Escotismo Brasileiro e reiterando a sua condição de órgão de utilidade Pública Federal.

Em 2010, o escotismo, no Brasil, comemorou seu centenário. A UEB, por meio do relatório anual, comemorou essa data, registrando uma retrospectiva histórica do Movimento Escoteiro no país. O que podemos perceber é que, até o ano de 1928, o ME espalhou-se pelo Brasil: Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Amazonas, Paraná, Pernambuco, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte e Pará.

Por meio do documento, evidenciamos o início do escotismo feminino no Brasil, com sede na cidade de São Paulo, no ano de 1917. A partir dessa data, verificamos a participação cada vez maior das mulheres no movimento escoteiro brasileiro. Em 1968, criou-se o primeiro clã misto do Brasil, no entanto, apenas em 1981, foi permitida a participação das mulheres no IV Jamboree Pan-americano.

Em 1924, Benjamin Sodré publicou o primeiro artigo sobre a situação do escotismo no Brasil, e sugeriu a unificação das diversas associações Escoteiras existentes. No mesmo ano foi publicado, pela primeira vez, como órgão oficial da UEB (não unificada), o periódico “O Escoteiro”, e, em 1925, saiu o primeiro guia destinado aos jovens, escrito por Benjamin Sodré – “Velho Lobo”. Quatro anos após o artigo de Sodré as associações se uniram formando a União dos Escoteiros do Brasil - UEB. No entanto, foi em 1946 que, no decreto 8828, que a UEB foi reconhecida como instituição destinada à educação extraescolar, órgão máximo do escotismo no país. A partir desse período, podemos compreender a relação direta do movimento escoteiro com a educação formal, ou seja, um diálogo mais próximo entre educação não formal com a educação formal.

De acordo com o documento, em 1945, foi oficializado o ramo Sênior no Brasil. Fazem parte deste ramo jovens da faixa etária de 15 a 18 anos. Segundo Boulanger (2011), Baden-Powell, quando fundou o Escotismo, criou somente os Ramos Lobinho, Escoteiro e Pioneiro, e estes foram os três ramos implantados, inicialmente, no Brasil. As sessões permaneceram assim até o início da

década de 1940, quando o Chefe João Ribeiro dos Santos percebeu a necessidade de criar um ramo que dividisse o Ramo Escoteiro. Esta necessidade surgiu devido à longa duração deste, que comportava jovens entre 11 e 18 anos, possibilitando, assim, serem notadas disparidades físicas e intelectuais entre os escoteiros.

Ainda conforme Boulanger (2011), Dr. João descobriu que, nos EUA, já existia um ramo solucionando esse problema, denominado de Senior Scouts. Pediu, então, autorização a UEB para programar esse ramo em seu grupo escoteiro. Logo, em 20 de novembro de 1945, foi criada a Tropa Sênior do 1º-RJ - GE Guilhermina Guinle – Fluminense F.C., a primeira Tropa Sênior do Brasil.

O documento registra a diversidade de cursos que foram promovidos pela UEB ao longo dos cem anos de existência. Em 1949, foi realizado o primeiro curso de Insígnia de Madeira para chefe de escoteiros em São Paulo; em 1953, teve lugar o primeiro curso para o ramo lobinho e, no mesmo evento, verificou-se o segundo para o ramo do escoteiro; este evento teve sua segunda edição em 1955; no ano de 1966, deu-se o primeiro curso da Insígnia de Madeira para chefes de grupo; em 1975, foi realizado o primeiro curso da Insígnia de Madeira para o ramo Sênior. A recorrência da efetuação de tais cursos evidencia a importância, para o movimento escoteiro, a formação dos jovens participantes.

O Grupo Escoteiro Padre Anchieta

O GEPA está localizado na Avenida 5, fundos nº. 384, centro da cidade de Ituiutaba, MG, Brasil. O grupo é composto, no ano de 2013, por 72 membros registrados entre adultos e jovens. Foi fundado em abril de 1967, por Mario César, que trabalhou como Diretor do grupo por dois anos. As atividades aconteciam aos sábados e eram destinadas às crianças que estudavam no colégio São José³. O grupo, mesmo tendo sua criação na igreja, sempre manteve suas portas abertas a todos os jovens, independente da sua crença. Antes da fundação do GEPA, Mário César já trabalhava com os

³ O Colégio São José em Ituiutaba, Minas Gerais, foi uma Instituição ligada à Congregação Estigmatina, que propugnava os valores difundidos pela Igreja Católica. As atividades do Colégio São José se iniciaram no ano 1940 na Casa Paroquial do Colégio Santa Teresa. O Colégio São José funcionava, inicialmente, com fins de Pensionato para meninos. Em 1941, tornou-se uma escola autônoma com o curso: primário, porém, em 1948, passou a funcionar em regime de internato e externato, com os seguintes cursos: primário, ginásial, técnico, comercial e científico. No entanto, devido aos diversos cursos que o Colégio já ministrava, a partir do ano 1967, essa Instituição, passou a abrigar também o ensino destinado às meninas, no sistema de salas mistas.

jovens do Colégio São José, que se situava nos fundos da Igreja Matriz de São José. Quando o grupo foi fundado, ele contava com 62 jovens entre 7 e 15 anos e adultos, ou seja, em sua fundação, só havia as sessões iniciais: alcateia e tropa escoteira.

O Grupo permaneceu ativo desde a sua fundação em 1967. Por meio dos documentos, foi possível verificar uma média próxima do número de membros e as atividades. Com exceção dos anos de 1985 e 1996, período em que o grupo registrou um número reduzido de participantes. Quanto às mudanças, evidenciamos que houve um aumento da participação de “meninas” no GEPA, a partir do ano de 1988.

Para Raposo (2008), o ME pode ser definido como uma organização mundial que objetiva o aprimoramento moral e físico de crianças e jovens. Powell (2006) afirma que, para garantir o sucesso de seu projeto, seria necessário que as atividades fossem atrativas. Reforça que os métodos escolares tradicionais daquela época formavam indivíduos educados, mas sem iniciativa, imaginação e disposição. Desta forma, o B-P se valeu de jogos educativos, tendo como apoio o princípio da autoconsciência e autoeducação. Para Powell (2006), a educação não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimento, mas, sim, despertar o desejo de conhecer e indicar o método de estudo.

Dentre as atividades realizadas pelo GEPA, podemos dividi-las em atividades de sede⁴ e atividades externas⁵, em ambas as atividades, são trabalhadas as potencialidades dos jovens. Conforme foram idealizadas por B-P, as atividades refletiam sua visão de mundo e experiências. Segundo Oliveira (2011), as habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda de seu programa. Essas atividades teriam grande atração para os jovens, que, ao praticá-las, desenvolveriam sua saúde, iniciativa, inteligência, destreza e energia, ao mesmo tempo em que se divertiriam.

As atividades escoteiras, tais como os acampamentos, e as excursões em meio a natureza exercem uma atração entre os jovens, e B-P, mesmo tendo nascido em outra época, compreendia essa atração, pois era possuidor de um espírito escoteiro, isto é, de um espírito explorador, e

⁴ Atividades que acontecem na cidade e no horário normal das atividades, estas atividades podem acontecer na sede do GEPA, ou em outro lugar previamente programado.

⁵ São consideradas atividades externas todas atividades que acontecem fora da cidade e em um tempo maior ou igual a um dia.

conhecia as emoções e sensações que tais atividades proporcionavam. A respeito do espírito escoteiro e da atração que o escotismo exerce Baden-Powell (1986) escreve que:

A chave que abre este espírito é o romance da vida na natureza. Onde é que existe um jovem (ou até mesmo uma pessoa adulta) sobre quem não exerçam atração, nestes tempos materialistas, o apelo da selva e os caminhos abertos da terra? Isso, talvez, seja um instinto primitivo, mas, de qualquer forma, existe e é real. [...] O Escotismo oferece ao jovem a oportunidade de tomar sua mochila, seu equipamento, [...] e lançar-se a aventura. O ar livre é, por excelência, a escola da observação e compreensão das maravilhas deste grandioso universo. [...] Ele revela aos jovens das cidades esse mundo de estrelas que se escondem atrás dos arranha-céus e que as luzes da cidade e a fumaça das fábricas não permitem admirar. (p. 33)

A natureza se configura como o principal fator condicionante da atração que o escotismo exerce sobre os jovens, e podemos perceber essa relação com o meio ambiente. Esta é mais uma característica do ME em geral e do GEPA em particular. Refere-se, também, a atividades que desenvolvem as potencialidades físicas das crianças e jovens. Tais atividades nos remetem à racionalidade ecológica defendida por Cunha e Reis (2010). As autoras defendem uma racionalidade que,

Religie o humano e a natureza, não numa relação mística, mas numa de cuidado e atenção epistemológica. Esta racionalidade não procura apenas a preservação ou conservação da natureza, mas a transformação de um paradigma de exploração ilimitada para um paradigma de cooperação e cuidado. (p. 39).

Nesse sentido, podemos observar a aproximação das propostas do ME com a educação não formal. Segundo Oliveira (2011), o crescimento do ecoturismo e dos esportes de aventura, na atualidade, revela que, cada vez mais, o homem se volta para a natureza, vendo nela uma forma de lhe proporcionar alegria e encontrar paz de espírito. A natureza, ou seja, o ar livre se apresenta como lugar privilegiado de se praticar o escotismo.

Outra prática de atividades que o ME incentiva, além das atividades físicas, são aquelas de cunho espiritual e social. Estas atividades acontecem de três formas: a primeira, no decorrer de quase toda atividade escoteira, que são os momentos de reflexão; a segunda, em atividades externas e sempre na última manhã de atividade e é chamado de culto ecumênico; e a terceira, no “Fogo de

Conselho”, que é uma cerimônia que acontece na última noite de acampamento, e consiste em uma grande roda ao redor de uma fogueira.

Com o intuito de refletir sobre as especificidades do GEPA, no próximo tópico, registramos e refletimos sobre as narrativas dos colaboradores da nossa pesquisa: Abaporang Paes Leme Alberto, 33 anos, membro atuante do movimento escoteiro desde 2006. Ronie Rodrigues, 20 anos, que participa do GEPA desde 2002. Ângela Maria Rodrigues, 42 anos, associou-se no movimento escoteiro no período que corresponde aos anos 2000 a 2011. Talles Marques Chaves Alves, 31 anos, integra o grupo desde 1992.

O movimento escoteiro e a educação não formal: as vozes dos colaboradores

De acordo com o POR - Princípios, Organizações e Regras (2008) -, no Brasil, o Escotismo se define sendo um Movimento educacional para jovens, com a colaboração de adultos, voluntários sem vínculos político-partidário, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os princípios e o método escoteiro concebido por Baden-Powell.

Segundo Nascimento (2008), podemos considerar o Escotismo como um movimento Educacional não formal. Para o autor, a educação não formal é um processo que ocorre ao longo de toda vida, na qual cada indivíduo adquire conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, por meio de experiências diárias e das influências e recursos educativos do meio ambiente. De acordo com Cunha e Reis (2010), a educação não formal é um processo de aprendizagem que tem como centro o educando em contextos sociais diversos, por meio de atividades fora do sistema da educação formal, e tem como base a motivação intrínseca, voluntária e não hierárquica. Nesse sentido, aproxima-se da educação escoteira, que visa contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, interessando-se mais pela formação de atitudes do que a construção do conhecimento ou habilidades específicas.

Essas questões nos remetem aos fundamentos da Educação não formal defendido por Cunha e Reis (2010):

- a) O primeiro consiste em entender e perspectivar a Educação como ação para o desenvolvimento humano apara a formação das pessoas enquanto sujeitos. (...)

- b) O segundo implica que o educador assuma a necessidade de compreender e de trabalhar as matrizes básicas da formação dos sujeitos em processo formador. (...)
- c) O terceiro fundamento em que apoiamos o nosso conceito de Educação, é a necessidade de provocar o debate sobre a própria Educação entre as diversas pessoas participantes nos processos formadores. (...)
- d) Um quarto fundamento é o entendimento de que a Educação também é cultivo, é intencionalidade, é acompanhamento, é persistência, é aprender e ajudar no cultivo da pedagogia do cultivo com a Terra. (...)
- e) O quinto fundamento é se deixar educar pelos outros e pelo processo de Educação. (...) (p. 42-43).

Tais fundamentos têm uma relação direta com a proposta do ME. De acordo com Pereira (2004), o Método Escoteiro tem como um dos seus pressupostos orientar os jovens para autoeducação progressiva. Para o autor, o ME tem como função ajudar os jovens a desenvolver suas capacidades, interesses e experiências, descobrir novas aptidões e a conhecer-se melhor, entendendo cada estágio de suas caminhadas, desenvolvendo a sua autoconfiança e tornando-os pessoas solidárias, responsáveis e comprometidas dentro de um grupo de jovens com interesses semelhantes.

Ao narrarem sobre as atividades desenvolvidas no ME, os colaboradores foram unânimes em afirmar que a preocupação era buscar a formação do cidadão. Os entrevistados mostram a necessidade de se praticar o escotismo de forma que os jovens consigam, ao final, ter absorvido todos os ensinamentos propostos. Asseguraram que o caminho para essa formação é o estudo do movimento, bem como a vivência e aproximação com os jovens. Percebem o trabalho desenvolvido como um conjunto de atividades de diferentes tipos que, juntas, formam o cidadão. Com relação às atividades, destacamos as narrativas dos chefes Abaporang e Ronie:

(...) Nossa preocupação era em como poderíamos ajudar os meninos dessa faixa etária de 7 a 10 anos, com isso, as atividades passaram por grandes transformações, no início, eram só brincadeiras, os meninos iam para lá nos sábados só para brincar depois essa brincadeira teve um cunho pedagógico, teve um cunho educativo, eram brincadeiras que os ajudavam a pensar, como ganhar, como perder, como conviver, a pensar em como motivar e como ser motivado, a pensar em como se alimentar a como correr, assim mudou muito do começo mesmo até quando eu saí da alcateia. (Abaporang, 2013).

As atividades formam um conjunto, e esse conjunto que é importante, temos as atividades ao ar livre que contribuem com a parte física, mas, por outro lado, temos as atividades em sede que contribuem para o social. Antes de planejarmos as atividades, temos que conhecer os gostos dos jovens (...). (Ronie, 2013).

Os colaboradores relataram a necessidade do aprendizado constante, para acompanhar o desenvolvimento do jovem dentro do que é pedido no ME. Abaporang reforça a preocupação em dar sentido ao trabalho realizado com os jovens. Ronie narra sobre o conjunto de atividades, com sentidos diferentes, mas que têm um objetivo final comum, a formação do jovem. Ressalta a importância de conhecer os gostos dos jovens. As narrativas nos permitem relacionar com a atividade dos professores, pois, estes também devem conhecer os saberes e os gostos dos jovens para efetivarem o processo de ensino e aprendizagem, pois caso não levem em conta estes saberes, correm o risco de ensinar e de que esse ensino não se efetive em aprendizagem.

O trabalho com os jovens, dentro do ME, é dividido por idade. Com relação a essa divisão, registramos a narrativa de Talles, que define as formas como é trabalhado em cada uma das fases dos jovens.

(...) a criança de 7 a 10 anos quer saber das histórias, fantasiar tudo. Quando passa para a outra sessão, a criança sente diferença, pois na tropa escoteira, que são os jovens de 11 a 15 anos, o escoteiro também quer gastar a energia mas que saber o que é um acampamento. Querem acampar, querem aprender, participar das gincanas. O sênior que é de 15 a 17 anos, são adolescentes, descobrem outras coisas e estão mais preocupados com seu eu interior. Então trabalhamos mais com a orientação, mas não deixando de lado a atividade física. Enquanto chefes, temos de entender o que os jovens querem, para prepararmos as atividades. E o pioneiro que é o jovem de 18 a 21, é considerado um jovem adulto e esse é o período mais reflexivo e maduro da vida deles, e dentro do ME ele já está praticamente autônomo. (Talles, 2013)

A narrativa revela a importância de considerar a questão geracional. Para os colaboradores, as diferentes fases da vida têm especificidades. Percebemos, com os entrevistados, que a formação dentro ME acontece em quatro momentos, que são as sessões. Mais uma vez, podemos relacioná-las com características da educação formal, pois os professores devem estar atentos com a faixa etária, para efetivar um ensino que se traduz em aprendizagem. A narrativa nos permite relacionar com a formação de uma racionalidade cidadã,

Ou seja, aquela vinculada a actividade educativa ao aumento efetivo da emancipação, seja esta individual ou coletiva. Paulo Freire já nos havia alertado desde os anos 70 do século passado para o facto de que a acção educativa e o pensamento educativo devem ser actos de “conscientização”, isso é, de uma articulação forte e indispensável entre o pensamento e a acção. Ele acrescenta que esta acção deve se transformadora porque deve criar as condições para que a

dialogicidade entre actores e atrizes sociais aconteça e com ela as relações de opressão se tornem visíveis, se transformem e desapareçam. (CUNHA; REIS, 2010, p. 38).

A formação do jovem dentro do ME é voluntária, ou seja, a criança e jovem entra, permanece e sai quanto se sentir apto a isso. A ideia de um movimento de educação voluntária dialoga com o texto acima de Cunha e Reis (2010), ambos salientam a importância da “auto conscientização”. O ME busca essa racionalidade cidadã por meio dos seus princípios, que se materializam, segundo Rabelo (2012), mediante atividades práticas que se caracterizam pelo aprender fazendo. A proposta é auxiliar o jovem a descobrir o prazer da autoeducação e do autodesenvolvimento. A finalidade do Movimento Escoteiro consiste em mobilizar os jovens sobre a importância de buscar o conhecimento.

Os colaboradores, em suas narrativas, reforçam a potencialidade do ME na formação dos jovens. Para eles, o movimento pode contribuir para que os jovens façam a diferença na sociedade em que vivem. Ressaltamos a narrativa da chefe Ângela:

A formação do jovem ela é muito relativa, e depende muito de quem está a frente dela, do adulto que está a frente desse Jovem, do que o adulto está propondo. Às vezes, entra uma criança como lobinho, que é a primeira sessão que eles passam, e a criança ela tem sim algum desenvolvimento, mas ela vai mostrar um desenvolvimento maior, ela vai mostrar um amadurecimento maior, às vezes, quando ela mudar de sessão, e ela esta com um chefe diferente, às vezes, aquilo que ela está fazendo já é mais atraente para ela, então, assim, é muito relativo até porque tem literaturas dentro do ME desenvolvida dentro do movimento, escrito por chefes escoteiro, que estudam isso, então o movimento não é simplesmente um entidade que funcional ali, eles obedecem a ensinamentos que foram deixados e foram melhorados, porque através de um fundador, que reuniu um grupo de meninos, vou que trabalhar esses meninos daria certo só que o movimento evoluiu, ele cresceu, e tomou proporções mundiais, e com isso foi preciso estudar a cabeça de uma criança, a cabeça de um jovem de um pré adolescente. E assim foram desenvolvendo e criando literaturas para ajudar. Ajudar os adultos a entender as fases dessa criança que entra no ME e, lá na frente, ele é inserido na sociedade. Então, é muito relativo falar que todos os jovens que entraram na primeira sessão vão sair iguais, ou que os jovens que entraram no meio ou lá na frente não vão ter sua formação completa, isso eu acho que vai depender muito do adulto que está à frente. (Ângela 2013)

A narrativa da colaborada Ângela traz um novo elemento para nossa reflexão: o papel do chefe na formação das crianças e jovens. Para ela, depende da postura do formador para o

desenvolvimento das crianças e jovens. Enfatiza a importância de pesquisas para ampliar o conhecimento do chefe formador e, assim, contribuir, de forma mais ativa, na formação cidadã. Essa afirmação revela sinais da preocupação do ME em contribuir no processo formativo dos sujeitos.

Na continuação das narrativas, identificamos a preocupação do ME em relacionar as atividades desenvolvidas com a vida prática dos jovens, pois é dever do escoteiro tornar-se um cidadão melhor em todos os aspectos. Para os colaboradores, o movimento deve marcar a vida dos jovens de forma que se tornem pessoas melhores tanto na escola quanto na igreja, e na família. Vejamos a narrativa do chefe Abaporang:

O ME se baseia em um tripé: casa, igreja e escola. Através desse tripé, o jovem tem de fazer o seu melhor nesses três ambientes, e nós temos um jeito de ser escoteiro que é baseado em uma lei e numa promessa. Um escoteiro não pode ter qualquer atitude. Um escoteiro não pode fazer de qualquer jeito, não pode fazer qualquer coisa, ele tem de fazer sempre seu melhor e esse melhor deve ser pautado numa contribuição baseada num princípio que temos: que são nossos deveres para com Deus a pátria e com nós mesmos. Um escoteiro está sempre se desenvolvendo, porque o nosso método, é exatamente esse ajudar para que aquele jovem aquela criança, busque o seu autodesenvolvimento. (...) (Abaporang, 2013)

Percebemos a relevância da relação do que se é feito no movimento e, na vida prática, é possível dialogar com Cunha e Reis (2010) ao afirmarem na importância de uma educação que configure uma perspectiva de aprendizagem ao longo da vida em um processo alargado a várias esferas da vida e cada pessoa.

Considerações finais

Considerando que a educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, na relação com diferentes pessoas, pela experiência e em espaços fora da escola, em locais informais, onde há processos de interação e intencionalidade na ação, na participação, na aprendizagem e na transmissão e troca de saberes, o ME se caracteriza como uma modalidade de educação não formal. Abre possibilidades de conhecimento sobre o mundo que rodeia os indivíduos e suas relações sociais.

O Escotismo se destacou por seu método simples de conduzir o jovem a aprender fazendo, individualmente e também sob o regime de patrulhas ou trabalho coletivo, atividades manuais que despertassem o potencial artístico, o amor pela natureza e o desenvolvimento do autogoverno. É importante perceber o ME dentro de um processo histórico. Dessa forma, marcado por mudanças e permanências. O “militarismo”, marca do ME ao longo da história, vem diminuindo e abrindo mais espaços para o diálogo com as crianças e jovens. O estudo no GEPA revelou sinais dessas mudanças.

Referências

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte política**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOULANGER, Antônio. **O chapelão, histórias da vida de Baden-Powell**. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2011.

CUNHA, Teresa; REIS, Inês. Somos diferentes, somos iguais: uma abordagem educativa europeia para os Direitos Humanos. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**. Ano XXIII, n. 79, agosto de 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro. Imago, 2008.

OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: A Vida De Baden-Powell E O Nascimento Do Escotismo (1907-1908)**. Monografia. (Licenciado Pleno em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de História, Vitória, ES, 2011.

PEREIRA, Ana Paula Costa. **Educação nãoformal tendo como exemplo de modelo pedagógico o método escoteiro**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2004.

POWELL, Baden. **A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor**. Revista Jamboree, jan. de 1923. Reedição 1986.

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição comemorativa ao centenário do Escotismo - 1ª edição 1908).

_____. **Lições da Escola da Vida**: autobiografia de Baden Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1985.

RABELO, Ricardo Rocha. **“Uma vez Escoteiro, Sempre Escoteiro”**: Marcas da Educação Escoteira em Sergipe (1958 – 2009). Dissertação (Mestrado em Educação). Diretoria de Pesquisa e Extensão, Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, 2012.

RAPOSO, Bruno Martins. **O escotismo e a educação integral em Juiz de Fora**: o grupo cayuás do instituto metodista granbery. Dissertação (pós-graduação em educação). Universidade federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008.

SANTOS, Gisele Aparecida Alves. **Práticas pedagógicas ou militares? Impasses quanto aos objetivos da prática escoteira**. Trabalho de Conclusão. (Graduação em Pedagogia). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Valença, BA, 2010.

SILVA, Camila Moreno de Lima. **A contribuição do Movimento Escoteiro na Educação do Brasil**: Aspectos do Projeto Político Pedagógico do movimento e reflexos na educação para a cidadania. Universidade de São Paulo, 2011.

SOUZA, Max Eduardo Brunner. **Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea**: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro. Dissertação (pós-graduação em sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.